

CULTURA TECNOLÓGICA

Mercado Comum Latino-Americano já!

A falta de uma cultura tecnológica própria, associada às especulações e às manipulações dos preços internacionais, faz com que o valor da matéria-prima nacional fique abaixo da sua real importância. Para que se possa chegar ao desenvolvimento ou consolidação dessa cultura na mineração, deve haver a conscientização de todos e a participação de um grande mercado consumidor, que unifique toda a América Latina. A tecnologia é, por diversas vezes, encarada de forma inadequada, ela não tem o mesmo significado e valor em todos os lugares. As elites culturais e técnico-científicas do Brasil têm que assumir o seu compromisso com a população, contribuindo para erradicar a miséria, a fome e a ignorância.

Abordar cultura tecnológica nacional ou mesmo latino-americana é descrever sobre algo inexistente na própria mentalidade das pessoas envolvidas nesse macrosistema. A tecnologia tem pátria sim. E nesse ponto discordo do geólogo Kenro Matsui, na matéria do jornal *Mineral-Minério*, nº 2, pág. 8.

Justamente por achar que tecnologia e capital não tem pátria é que temos essa enorme dívida externa e que os capitalistas locais têm seu dinheiro depositado na Suíça ou nas Ilhas Cayman, em moeda que tem pátria: o dólar norte-americano.

A tecnologia não pode ser avaliada como se fosse uma propriedade termodinâmica, que tem o mesmo significado e valor em qualquer lugar de onde se veja. O que deu certo nos EUA não tem, necessariamente, que dar certo no Brasil.

A tecnologia não deve ser analisada de forma tecnocrática, mas sim política e econômica associada ao mercado, às prioridades nacionais e, definitivamente, ao benefício da grande maioria da população.

Na mineração tenho visto casos concretos de avaliação de sistemas de cominuição, onde a decisão da tecnologia é uma resultante da pressão comercial do país fornecedor. Num mesmo projeto, consultores norte-americanos sugerem o sistema convencional (britagem e moagem em moinhos de bolas), enquanto os suecos recomendam sistemas autógenos de Pebbles, e canadenses concluem que a moagem semi-autógena é o melhor.

O desenvolvimento ou consolidação da nossa cultura tecnológica na área da mineração permitirá:

1. Levar em consideração as condições regionais que, no caso do Brasil, são muito diferentes daquelas dos países desenvolvidos. Pretender instalar complexos sistemas de con-

trole automático de processos na selva amazônica ou no sertão baiano é quase um absurdo.

2. Fortalecer a indústria nacional e melhorar as suas condições de competitividade, pois a cultura tecnológica irradia efeitos secundários à toda sociedade, ficando menos dependente do exterior; melhora a objetividade nas avaliações técnico-econômicas para a compra de equipamentos; dá uma valorização aos produtos nacionais e padronização de suprimentos; provoca redução de custos de engenharia e de desenvolvimento de pesquisas — as tecnologias importadas, muitas vezes como "pacote" sem obedecer uma planificação ou estratégia nacional, normalmente conduzem ao superdimensionamento das usinas e a uma dependência do país fornecedor durante toda a vida do projeto; e favorece a normalização e a garantia da qualidade dos produtos.

"O Brasil deve ocupar seu lugar de líder na América Latina e abandonar o pálio dos fundos da CEE ou do mercado dos EUA"

3. Promover uma integração entre as empresas produtoras, o governo, os fabricantes de equipamentos, os laboratórios de pesquisa, as universidades e empresas de engenharia criando um suporte amplo à cultura tecnológica brasileira. E assim, determinando a redução geral de custos, a formação profissional integrada dia-a-dia nas empresas mineradoras e a desmistificação da tecnologia mineral.

Tudo isto só será possível com a participação de um grande mercado consumidor, que dê sustentação a essa nova economia de mercado

na área mineral, isto é, o Mercado Comum Latino-Americano.

O Brasil deve ocupar seu lugar de líder na América Latina e abandonar o pálio dos fundos da Comunidade Econômica Européia ou do mercado norte-americano. Comprovadamente, esta situação não tem favorecido o povo brasileiro através da sua história.

Os preços dos nossos produtos são totalmente regulados pela procura nos mercados internacionais, os quais conseguem equilibrar sempre à favor dos países ricos. Com parcial exceção do Brasil, os países latino-americanos não têm suficiente mercado interno para regular os preços de venda dos seus produtos minero-metalúrgicos, motivo pelo qual os projetos de mineração são, quase sempre, voltados à exportação, ficando a mercê dos compradores (especuladores) internacionais.

A sobreprodução (acima do consumo interno) é aproveitada pelos países desenvolvidos, pagando um baixo preço por ela. Por exemplo, os EUA, principal consumidor de cobre, compra seu déficit na Bolsa de Metais de Londres a um valor inferior que seu próprio preço de mercado interno, que é subsidiado.

Lamentavelmente, além de não termos uma tecnologia comum, dificultando a produção, os compradores de matérias-primas estão melhor organizados que os produtores. Durante 1988 foi muito comentado a significativa alta dos preços da seda nos mercados europeus, devido ao aumento do consumo interno da China depois de algumas mudanças na sua política econômica. O mais engraçado é que os países compradores desse produto, principalmente da Europa, reclamam pela atitude "capitalista" da China, que deixa para exportação apenas a diferença entre a produção e, atualmente, seu maior consumo interno.

O Mercado Comum Latino-Americano permitirá atuar, no âmbito do consumo, na regulação dos preços internacionais das nossas matérias-primas. O maior consumo dos nossos próprios produtos favorece as relações de intercâmbio comercial e reduz nossa dependência dos países mais ricos.

Inúmeros são os benefícios da integração latino-americana no setor mineral, dentre eles: a criação de um mercado regional de engenharia, incluindo definição de normas técnicas comuns para todos os países membros; a criação de um mercado de equipamentos de mineração (novos ou reconicionados); e a distribuição de fatias do mercado de produção, que possam garantir a plena potencialidade de cada país e evitar a absurda concorrência entre eles, gerando preços baixos aos produtos que só beneficiam ao comprador estrangeiro.

Por meio deste veículo de comunicação, o *Mineração Hoje*, devemos orientar as elites culturais e técnico-científicas deste país para assumir o seu compromisso com a população brasileira, para contribuir em suas respectivas áreas na erradicação da miséria, da fome e da ignorância.

A atividade mineral não pode continuar só criando ilhas de empreendimentos tecnicamente desen-

volvidas (às vezes simples cópias de usinas importadas), com funcionários bem preparados, dentro de um país subdesenvolvido. Este compromisso tem que ser cobrado, principalmente das empresas de participação estatal.

O jornal *Mineração Hoje* terá que continuar com uma posição corajosa de denunciar irregularidades no setor mineral que possam ser contrárias aos interesses do país. Por exemplo: mal uso do dinheiro

público; discriminação da tecnologia ou engenharia nacional em favor de empresas estrangeiras; privatização de empresas públicas à preços inferiores ao real; formação de monopólios ou conchavos técnico-comerciais; defesa do consumidor local; e defesa do meio ambiente.

Alexis P. Yovanovic

Engenheiro Civil Químico
Consultor da Companhia Vale do Rio Doce - CVRD

QUALIDADE É NOSSO NEGÓCIO

Análises Químicas

Consulte

MINLAB

Metalúrgicas • Minerais • Geoquímicas •
Águas, Efluentes e Resíduos Industriais
• Preparação de Amostras
(Ouro por Fire Assay e outros métodos avançados)

OUTROS SERVIÇOS
Inspeções técnicas; Amostragem Sistemática e Preparação de Amostras; Draft Survey e Serviços Marítimos diversos; Consultoria e Engenharia em Projetos de Laboratório; Sistemas de Amostragem e Processos Industriais; Meio Ambiente e Reprocessamento de Rejeitos; Representação de Equipamentos e Sistemas para controle de qualidade, sem similar no Brasil.

Os serviços da Minlab contam com a garantia do grupo SGS. Mais de 100 anos de experiência em 140 países.

50 ANOS

DO BRASIL S.A.

Divisão de Minérios e Produtos Químicos
Rua Sillimbu, 407 - São Cristóvão
20.910 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 264-7288 - Telex: (021) 22740

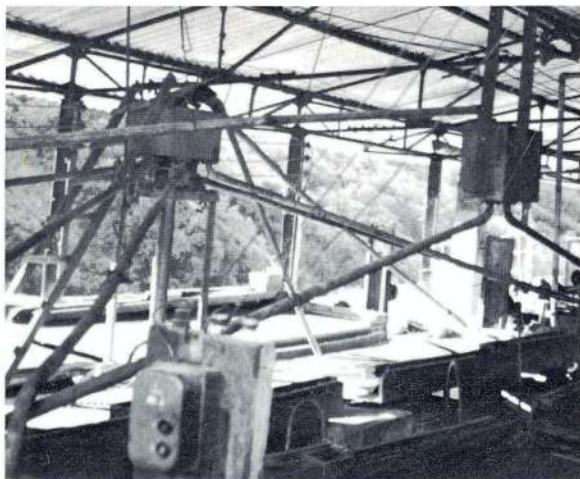
Leitores

Garanta o recebimento regular deste jornal preenchendo o cupom de assinatura. A leitura do *Mineração Hoje* é cada vez mais obrigatória para todos do setor mineral que desejam um veículo de comunicação ágil, dinâmico, sério, arrojado e comprometido apenas com a verdade.

Os 20.000 exemplares do *Mineração Hoje* são recebidas e LIDOS por presidentes, diretores,

gerentes, engenheiros de minas e técnicos, geólogos e pesquisadores de empresas de mineração; profissionais das indústrias de equipamentos/materiais/serviços; responsáveis por centros de informações; bibliotecários; órgãos federais, estaduais e municipais; universidades; centros de pesquisa; etc. com as informações na medida certa e na seguinte distribuição geográfica:

Região	Estados	Quantidade Exemplares
Norte	Acre	46
	Amapá	50
	Amazonas	199
	Pará	483
	Roraima	121
	total	959
Nordeste	Alagoas	205
	Bahia	1.179
	Ceará	388
	Maranhão	246
	Paraíba	76
	Pernambuco	593
	Piauí	13
Rio Gde. do Norte	118	
Sergipe	57	
total	2.875	
Sudeste	Espírito Santo	172
	Minas Gerais	2.686
	Rio de Janeiro	2.190
	São Paulo	6.327
total	11.375	
Centro-Oeste	Distrito Federal	352
	Goiás	482
	Mato Grosso	178
	Mato Grosso do Sul	50
	total	1.062
Sul	Paraná	547
	Santa Catarina	774
	Rio Gde. do Sul	922
	total	2.243
Total Brasil		18.514



Vários interesses determinam a tecnologia utilizada em um projeto